

Quem fala no sujeito psicótico?

Rosane Maria dos Santos Mendonça

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

“A certeza é a coisa mais rara para o sujeito normal”. (LACAN, 1955-1956)

“A psicose é aquilo diante do qual, um analista não deve jamais recuar”.
(LACAN, 1977)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo levantar algumas questões com relação à estrutura psicótica. Como se dá a elaboração da linguagem na psicose e como o sujeito se coloca nela. O que e quem fala no sujeito psicótico? Também será comentado a respeito do tratamento possível do mesmo.

Palavras-chave: Psicose, linguagem, delírio, significante, tratamento.

ABSTRACT

The present work's objective is to raise some questions regarding the psychotic structure. How is the elaboration of language in psychosis and how the subject places itself in it. What and who speaks in the psychotic subject? The possible treatment thereof will also be commented on.

Keywords: Psychosis, language, delirium, meaningful, treatment.

Cris, um rapaz de 23 anos, chega ao meu consultório trazido pela mãe. Meu nome foi indicado a ela por uma colega psicanalista. A mãe num primeiro momento traz questões e preocupações a respeito da vida profissional do filho. Atualmente, o mesmo não trabalha e nem estuda. Sendo assim ela me demanda a possibilidade de realizar orientações profissionais com o filho para que ele possa se inscrever no mercado de trabalho. O mesmo cursou um ano e meio da faculdade de psicologia e se afastou quando iniciou a disciplina de psicopatologia, não retornando mais.

A mãe relata que Cris na sua infância sempre foi um menino alegre e que sabia conversar com os adultos sobre diversos assuntos. Nunca apresentou dificuldades ou problemas com relação ao seu comportamento na escola ou em casa.

As dificuldades iniciaram quando Cris teve um surto psicótico há quatro anos, aos 19 anos de idade permanecendo quatro meses internado numa clínica de reabilitação em São Paulo. A família atribui a causa do surto ao uso de maconha, bem como ao uso de craque que fazia esporadicamente. Na época em que ocorreu o surto Cris estava em acompanhamento com uma psicóloga.

Os pais dele são separados há muito tempo. A mãe se refere ao ex-marido como um “traste”. Atualmente está casada com outro homem. O irmão mais velho de Cris tem diagnóstico de autismo e encontra-se em tratamento psicológico.

Após escutar a mãe, atendo Cris que entra no consultório tímido e com certo ar de desconfiança. Senta-se e começa a desfilar uma série de delírios. Inicia sua fala relatando em primeiro lugar quem ele é. Trata-se de um ator famoso e reconhecido, que já fez muitos filmes que renderam alta bilheteria. Ele interpreta um Deus da mitologia grega. Porém nesse momento ele como ator não está reconhecível, pois não pode se mostrar, deve-se manter disfarçado, pois está sendo procurado pela CIA. Segue contando suas aventuras e seus relatos são repletos de façanhas, pois o mesmo além de ser esse ator de renome, também faz muitas coisas excepcionais, todas revestidas de desempenho extraordinário.

Até então, ele relatou em duas sessões alguns detalhes da sua internação. Disse que estava ficando paranoico e queria matar muita gente precisando então ficar isolado. Aliás, nos seus delírios ele já matou muita gente do mal.

Sua fala sustenta sempre o mesmo delírio e a cada sessão ele se lembra de mais algum fato realizado em que aparece como herói ou como uma figura importante. Digo se lembra, porque conta que foi submetido a um processo de amnésia que foge ao seu controle, mas às vezes esse processo falha e ele se lembra de coisas que aconteceram. E assim segue sua fala, recheada de incríveis façanhas.

Durante o percurso do cartel sobre as psicoses, realizou-se a leitura de textos de Freud e Lacan. Trabalharam-se muitos conceitos e articulações teóricas, entretanto este trabalho tem por objetivo fazer um pequeno recorte de um ponto específico na dinâmica da psicose.

A questão que surge então a partir do cartel e da escuta desse paciente e que eu gostaria de dividir é “quem fala no sujeito psicótico?”. Que fala é essa, que se apresenta de forma tão estranha, tão enigmática, tão aparentemente sem sentido e com uma significação singular? É certo que o sujeito psicótico fala e que está articulado com a linguagem, mas de que forma?

Antes de adentrar nessa questão, se fará um breve resumo da constituição do sujeito. Para a psicanálise existem três estruturas subjetivas principais que falam da posição existencial do sujeito diante da castração e são constituídas durante o processo de subjetivação do sujeito. (MOURÃO, 2011).

O processo de subjetivação é aquele no qual o sujeito se constitui, entra na vida pela fala e pelo desejo do Outro. O sujeito é convocado a tomar uma posição junto aos sentidos que essa fala e esse desejo vão lhe imputando. Esse processo afetivo se dá num campo discursivo, no campo simbólico, dos significantes, cuja mola mestra é a Metáfora Paterna, operação na qual o significante primordial do desejo da mãe, é substituído pelo significante Nome-do-Pai, instituindo o sujeito num campo de fala, interdição, castração. (LACAN, 1957-1958, 1999). A maneira pela qual o sujeito passa por essa operação, ou seja, sai da dimensão de ser o falo da mãe para a dimensão de ter o falo determina a sua estrutura subjetiva.

Quando essa operação ocorre de forma exitosa, há a simbolização da Lei Paterna e o sujeito entra no campo simbólico, o campo do discurso, da dialética, das trocas. A partir da simbolização, o sujeito consegue fazer a metáfora da falta gerada pela castração e se constitui numa posição desejante. A partir daí suas cadeias significantes começam a ser compostas formando uma rede de significantes na qual o sujeito pode se amparar, se ancorar, bem como iniciar a constituição do seu inconsciente.

Na psicose não ocorre essa substituição. A metáfora paterna não opera, há o que Freud denomina de Verwerfung e Lacan de foraclusão. Desse modo a estrutura psicótica é aquela na qual o sujeito não se confronta com a castração, não há a admissão da falta, há uma rejeição absoluta do significante Nome-do-Pai, ou seja, do pai simbólico. (LACAN, 1957-1958, 1999). Esse significante que inscreveria a dimensão da falta no Outro (da falta na mãe) é radicalmente rejeitado pelo sujeito, não podendo ser integrado no

inconsciente, ou seja, ser simbolizado. Na cadeia significante do sujeito psicótico falta o significante do Nome-do-Pai, aquele que funda a lei simbólica.

Essa falta da falta no Outro faz com que esse Outro permaneça inteiro e absoluto e por consequência a relação do sujeito fica inserida exclusivamente na dimensão imaginária, numa relação dual e especular com esse outro, no caso a mãe primordial, não havendo a entrada do terceiro da falta, no caso o pai simbólico.

Na falta desse pai simbólico que barra o Outro, o código fica exclusivamente no sujeito e não na dimensão do Outro como tesouro dos significantes. Sem amarração com o Outro simbólico, o sujeito fica preso no campo imaginário, a uma significação que não pode ser nomeada, que não reenvia a nenhuma outra significação a não ser a si mesma. (LACAN, 1955-1956, 2008). Lacan a denominou esse fenômeno que ocorre com esses significantes de holofrase. Entre a dupla de significantes S1 e S2 não há hiância, não há uma separação onde se constituiria o sujeito. Essa alienação na imagem especular entre o a - a' é radical e aniquila a possibilidade do surgimento do significante e, por conseguinte de uma identidade do sujeito, de um ideal do eu. Sendo assim "será preciso que o sujeito dela se encarregue e assuma a sua compensação, longamente, na vida, por uma série de identificações puramente conformistas a personagens que lhe darão o sentimento do que é preciso fazer para ser um homem". (LACAN, 1955-1956, P. 239). Cris não se identificou ao herói viril como ocorre na neurose, na qual os sujeitos se identificam com traços dos outros após terem sido submetidos à metáfora paterna. Cris é o próprio herói, é o próprio Deus que o herói representa. Ele tem a certeza disso. Não é possível questioná-lo e ou coloca-lo em dúvida. Ele está alienado e não identificado a esse outro poderoso. É isso que sustenta ele, o imaginário e não um traço simbólico como efeito da metáfora paterna, do significante Nome-do-Pai.

Nas elaborações apresentadas no Seminário Livro 3, As psicoses (Lacan, 1955-1956, 2008) Lacan destaca o mecanismo da forclusão do Nome-do-Pai, no que se refere às consequências da falta essencial do significante Nome-do-Pai em toda a sua operação lógica sobre todo o sistema significante e os efeitos subjetivos nela implicados. As psicoses revelam uma resposta subjetiva sem este significante do Nome-do-Pai, sem esta referência

simbólica, sem esta ancoragem. O sujeito psicótico se debate na tentativa de se haver com a falta da falta, na busca de uma identificação subjetiva que não se operou no tempo lógico.

A falta dessa ancoragem, desse ponto de basta, impossibilita que haja uma amarração simbólica entre o significante e o significado. Dessa forma não se detém o deslizamento incessante do significado sob o significante, da cadeia significante, impossibilitando um efeito de sentido, de significação e isso produz no sujeito psicótico uma fala com características próprias, diferenciada da do sujeito neurótico.

Lacan no seminário 3, se questiona a respeito da fala do psicótico e se pergunta: “de que ele lhes fala?” (LACAN, 1955-1956, p. 53. 2008). E responde, “dele, sem dúvida, mas em primeiro lugar de um objeto que não é como os outros, de um objeto que está no prolongamento da dialética dual – ele fala com vocês de alguma coisa que lhe falou” (LACAN, 1955-1956, P. 53). Lacan segue dizendo que a fala do psicótico faz testemunho dessa fala que fala nele, “em resumo, poder-se-ia dizer, o psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é de testemunhar”. (LACAN 1955-1956, P. 156).

O psicótico é uma testemunha aberta do inconsciente e a psicanálise, neste sentido, legitima o discurso delirante como discurso do inconsciente, por ele estar amarrado ao significante na sua mais pura literalidade. Ou seja, o psicótico leva a fala ao pé da letra, não consegue fazer nem compreender o efeito metafórico da linguagem. Ao escutar meu paciente, é possível identificar esse testemunho, pois o mesmo apenas vai fazendo um desfile, um deslizamento de significantes soltos, não amarrados ao significado, impossibilitando desse modo que haja uma significação. Os significantes vão deslizando sozinhos, pois não existe nele uma fala dirigida ao outro, na intenção de fazer laço social, fazer uma fala dialética. Sabemos segundo Lacan que quando falamos, nossa fala sempre nos remete a um outro, ao outro semelhante bem como ao grande outro.

Na psicose esse inconsciente que fala e está a céu aberto, sem a operação do recalque faz com que a mensagem que vem do Outro, não venha de forma invertida como ocorre na neurose e sim de forma refletida, como um espelho.

A mensagem vem do outro enquanto duplo do sujeito psicótico, não há o reconhecimento da alteridade do outro.

Nesse sentido Lacan observa que existe uma exterioridade do sujeito psicótico em relação à linguagem, devido o fato do mesmo estar foracluído da dimensão simbólica. Para Lacan, há um deslocamento do sujeito com a palavra falada. Diferente da neurose onde o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído pela linguagem, permanecendo refém dela. Trata-se da questão de saber se o psicótico entrou de verdade na linguagem. Mesmo que sua fala pareça articulada e semelhante a do neurótico, nem por isso implica que seja reconhecida como tal, que tenha os mesmos efeitos. As frases usadas pelos sujeitos psicóticos tem certa articulação lógica, mas sem um efeito de sentido, de significação fálica. Pelo contrário causam estranheza, como se falassem em uma língua ignorada pelo interlocutor.

Se o sujeito psicótico é o sujeito da certeza, diferentemente do neurótico que é um crente e sua crença pode ser questionada num processo de análise porque ele mesmo busca uma resposta para suas dúvidas e questões, como e o que é possível num tratamento com um sujeito psicótico? Se sua fala é diferente da do neurótico e ele não vem ao analista por conta própria para decifrar seus enigmas, mas sim trazido pelo outro que se ocupa dele qual seria a função do analista?

Se o delírio segundo Freud é a tentativa de cura do surto psicótico, a tentativa de elaboração de uma metáfora delirante ali onde a metáfora paterna fracassou, será que o analista deve em algum momento intervir nele, no delírio?

Lacan na aula de 30 de novembro de 1955 quando se refere ao Outro e a psicose, fala que “a vida do psicanalista não é cor-de-rosa” (LACAN 1955-1956, P. 40). Não se admira e justifica que a comparação da vida do analista com uma lixeira procede, pois é preciso que ele engula por vários dias a comunicação de coisas ditas pelos pacientes psicóticos como duvidosas, estranhas e aparentemente sem nenhum sentido. Porém para Lacan, se o psicanalista de fato o é, já se habituou há muito tempo a superar esse sentimento, escutando de forma desejante o dizer psicótico de seu paciente. Este dizer delirante pode revelar ao psicanalista a relação fundamental do

sujeito no registro no qual se organizam e se desenvolvem todas as manifestações do seu inconsciente. (LACAN, 1955-1956, P. 144).

Sendo assim, para Lacan as primeiras condutas na investigação e no interrogatório de uma estrutura psicótica seria a de deixar o paciente falar livremente o maior tempo possível e só após fazer uma suposição diagnóstica, o que não quer dizer que a conduta na escuta irá se modificar. Pelo contrário, Lacan nos coloca que assim que se souber que se trata de uma estrutura psicótica, é imprescindível que a posição do analista continue sendo escutar e não interpretar ou questionar a fala do paciente. Lacan se utiliza da função da secretária para orientar o analista de que sua função é somente secretariar, ser o secretário do alienado. É importante ressaltar que em alguns casos pode-se tratar de uma psicose não desencadeada e todo cuidado é necessário com as palavras que o analista usa para não desencadeá-la de vez. Ou seja, o analista não deve agir como na neurose, onde a função do analista é a de confrontar o analisando com a castração e por consequência interpretar o desejo. O delírio deve ser acolhido e não questionado, pois Lacan confirma a descoberta de Freud de que “quanto aos paranoicos, quanto aos delirantes, quanto aos psicóticos, eles amam o delírio deles como amam a si mesmos.” (LACAN, 1955-1956, P. 252).

O delírio é uma boa forma de suportar o real que invade o psicótico o tempo todo por meio do gozo. O delírio não é algo a ser removido, como se supõe comumente, pois ele será a bengala imaginária de sustentação para o sujeito suportar a forclusão da metáfora paterna, constituindo no seu lugar a metáfora delirante. Essa metáfora pode mesmo que fragilmente produzir uma amarração entre o significado e o significante criando assim um possível lugar para o psicótico na realidade.

A função do psicanalista seria a de ajudar o paciente na sua tentativa desesperadora de organizar o seu delírio, pois ele é a sua possibilidade de cura por mais bizarro e absurdo que ele seja.

Referências Bibliográficas

CALLIGARIS Contardo. *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume XII.

FREUD, S. (1924) *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume XIX.

LACAN, J. (1955-56) O Seminário, livro 3: *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

LACAN, J. (1957-58) O seminário, livro 5: *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

LACAN, J. (1964) O Seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, J. (1966) Escritos. *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MOURÃO, A. *Uma aventura no território da fala*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

SOLER, C. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007

SCHREBER, D.P. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.